

## CULTURA E GASTRONOMIA COMO FATOR DE PERTENCIMENTO IDENTITÁRIO.

Eliane Kreutz Rosa<sup>1</sup>  
Ciro Damke<sup>2</sup>

**RESUMEN:** O objetivo do presente trabalho é abordar alguns aspectos da cultura, mais especificamente, da gastronomia do município de Missal, Paraná. Nesta localidade, as festas e comidas típicas, a exemplo da *Deutsches Fest* e Café Colonial, são fatores representativos da cultura e da identidade para os moradores, principalmente os descendentes de imigrantes alemães. Woodward (2008, p. 42) diz que “[...] a cozinha é também uma linguagem por meio da qual ‘falamos’ sobre nós próprios” e onde se estabelece uma relação entre identidade e cultura. Mesmo valorizando a cultura típica alemã, defendemos sempre o pluralismo linguístico e cultural, o que coincide com as ideias de Certeau (2005) e Geertz (2008) em defesa da cultura no plural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade, Cultura, Gastronomia, Festas típicas.

**ABSTRACT:** The aim of this study is to discuss some aspects of culture, more specifically, the gastronomy of the municipality of Missal, Paraná. In this town, the events and ethnic foods, such as the *Deutsches Fest* and Café Colonial, are representative factors of the culture and identity for the residents, mostly the descendants of German immigrants. Woodward (2008, p. 42) says that “[...] the kitchen is also a language through which we ‘talk’ about ourselves “and which establishes a relationship between identity and culture. Even valuing the typical German culture, we defend the linguistic and cultural pluralism, which coincides with the ideas of Certeau (2005) and Geertz (2008) in defense of culture in the plural.

**KEY-WORDS:** : Identity. Culture, Gastronomy, Typical events.

<sup>1</sup> Mestre do Programa de Mestrado em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Cascavel – PR - Brasil. email: elianekroitz@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor pela Ruprecht-Karls Universität Heidelberg – Alemanha e Professor do Curso de Letras da UNIOESTE – Campus de Mal. Cândido Rondon – PR - Brasil e do Programa de Mestrado Linguagem e Sociedade – UNIOESTE – Cascavel – PR - Brasil.

## Introdução

Parte-se da premissa de que o alimento é algo essencial para a vida. Conseguir e consumir este alimento data desde os primórdios e tem sido uma questão de sobrevivência, pois

[...] como organismos biológicos, precisamos de comida para sobreviver na natureza, mas nossa sobrevivência como seres humanos depende do uso das categorias sociais que surgem das classificações culturais que utilizamos para dar sentido à natureza (WOODWARD, 2008:42).

A autora ainda acrescenta que “[...] a globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando uma mudança nos padrões de produção e consumo (WOODWARD, 2008:20) Essa interação gera transformações também na gastronomia o que origina novos hábitos alimentares e que culmina num mosaico gastronômico.

Se “[...] aquilo que comemos pode nos dizer muito sobre quem somos e sobre a cultura na qual vivemos” (Ibidem, 2008:42) pode-se dizer que a gastronomia está associada a uma volta simbólica às raízes e o alimento identifica étnica e culturalmente um povo.

O presente artigo é um recorte dos resultados da pesquisa de mestrado<sup>3</sup> e tem como objetivo abordar alguns aspectos da cultura, de modo especial a *Deutsches Fest* e o Café Colonial, como os elementos mais representativos da cultura e identidade alemã da grande maioria dos moradores de Missal – Paraná.

Apoiados nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística, a presente pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, teve como colaboradores 12 (doze) informantes, de idades diversas, da cidade de Missal, Optou-se por uma seleção que se baseou na amostra não probabilística (MARSIGLIA, 2002), ou seja, não foi usado o critério de seleção de forma aleatória e sim o de amostra por tipicidade.

Para a coleta de dados, a entrevista foi o principal instrumento, mas não o único. Na transcrição das entrevistas, procurou-se respeitar a maneira como falam os descendentes,

<sup>3</sup> Título da pesquisa: Fatores de manutenção e regressão da língua e cultura alemãs no município de Missal – Paraná. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – 2011.

de modo que a transcrição foi cursiva e não fonética. Foi utilizada, também, a Análise Documental e a Observação e Participação. Quanto à justificativa pela escolha do município de Missal, deve-se pelo motivo de que este se localiza num contexto de diversidade cultural e plurilíngue da *Tríplice Fronteira*, que compreende Brasil, Argentina e Paraguai e num contexto sociolinguisticamente complexo devido a sua localização na região de fronteira. Levando-se em consideração o contexto de fronteira, onde várias línguas e culturas estão em contato, a pergunta que se faz é: Por que, e quais os fatores que levam os moradores de Missal, principalmente os descendentes de imigrantes alemães e passados quase duzentos anos da imigração alemã, a falarem, ainda hoje, o alemão (em sua variedade dialetal) e manifestarem, por meio das festas e outras tradições locais, sua cultura?

Com base no exposto, objetiva-se abordar como a gastronomia, em especial as festas e comidas típicas, são elementos representativos e formadores da identidade, da cultura e da etnicidade dos moradores, principalmente dos descendentes de imigrantes alemães de Missal, Paraná.

Quanto à cultura, e nela está incluída a gastronomia, a entendemos como parte integrante da própria identidade do ser humano. Neste sentido, com base na análise dos depoimentos coletados pelos informantes e outros moradores participantes da pesquisa pode-se considerar que as comidas típicas que estão presentes na *Deutsches Fest* e no Café Colonial de Missal como importantes fatores na manutenção da língua e da cultura alemã. Considera-se portanto, relevante a abordagem de alguns conceitos de identidade.

## **Identidade: (re)viendo alguns conceitos**

A identidade tem sido um tema amplamente discutido nos últimos tempos, principalmente na área das Ciências Sociais e esta discussão surge, de acordo com Woodward (2008) pelo fato de que as “[...] mudanças nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões da identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas” (WOODWARD 2008:24-25).

A partir da perspectiva dos Estudos Culturais, segundo

Hall (2008), Silva (2008) e Woodward (2008) a identidade não mais se apresenta como pronta e acabada, e sim definida como fragmentada, não fixa, alicerçada na diferença e em contínua (re)construção e transformação.

O “entrelaçamento” ou a “infiltração cultural” (HAL, 2006:74) de outras culturas de certa maneira altera ou influencia a cultura nacional ou local, o que torna, segundo este autor, cada vez mais difícil conservar as características particulares de dado grupo ou etnia. Na mesma temática da construção da identidade do ser humano, Damke (1998) diz que aspectos linguísticos/culturais são aspectos que devem ser levados em conta, e fazem presentes, quando da construção da identidade do falante:

Não se pode falar em língua [...] sem que esteja ligada à identidade do próprio falante. Por outro lado, também não é possível falar em construção do sujeito ou da identidade do indivíduo, sem se falar também da identidade étnica, *do aspecto cultural*, e portanto também, da própria identidade linguística (DAMKE, 1998:19, grifo nosso).

Entende-se, a partir da citação apontada por Damke (1998), que a identidade está relacionada também à cultura, e a cultura se expressa em diversas manifestações, tais como: danças, músicas, teatro, cinema, literatura e também na gastronomia que é, para os descendentes de imigrantes alemães, uma forma de manifestação cultural para com a sua etnia. Além de todos os elementos culturais elencados, neste artigo dar-se-á enfoque maior às festas e a gastronomia, pois estes são, para a comunidade de Missal, os elementos mais representativos da cultura alemã.

### ***Deutsches Fest* em Missal**

As festas e comidas típicas representam, principalmente para os descendentes dos imigrantes alemães de Missal, uma volta às raízes, e uma maneira de valorizarem os costumes, a língua, a cultura e as tradições que fizeram (e ainda fazem) parte da história de vida dessas pessoas.

A história da *Deutsches Fest* tem origem no ano de 2002, quando um grupo de pessoas se reuniu no sentido de preservar a cultura alemã. Na tradicional festa alemã da cidade e nos dias que a antecedem, os estabelecimentos comerciais são enfeitados

com as cores da Alemanha e as pessoas usam trajes típicos para demonstrar o pertencimento e o respeito à tradição alemã.

Um dos pontos altos da festa é o desfile de carros alegóricos, cujo objetivo é mostrar a tradição alemã, retratar a vida, os costumes e o trabalho dos imigrantes. No desfile, como se pode observar na Figura 1, os carros são enfeitados com cores preto, vermelho e amarelo, que simbolizam a terra natal e que remetem à lembrança da pátria mãe dos ancestrais, a Alemanha. A temática, em relação à ornamentação dos carros, varia de acordo com os grupos ou “blocos”<sup>4</sup>, dentre os quais há um número expressivo de jovens.



FIGURA 1 - Desfile de Carro Alegórico em 2011  
 FONTE: Prefeitura Municipal de Missal (2011)

Após o desfile, a população se reúne no Centro de Eventos da cidade, onde, na noite de abertura, há a escolha da Rainha e Princesas da Festa. A candidata eleita representa o município em eventos diversos, tanto locais, quanto regionais.

O concurso do casal Fritz e Frida – Figura 2 – é outro fator de destaque. Um dos quesitos para concorrer ao casal Fritz e Frida é de que estes sejam integrantes da Terceira Idade.

<sup>4</sup> Pessoas que integram um determinado grupo e que se reúnem, vestidos com trajes característicos que lembram a cultura germânica, para participar das festividades da *Deutsches Fest*.



FIGURA 2 - Concurso Casal Fritz e Frida em 2011  
FONTE: Prefeitura Municipal de Missal (2011)

O casal vencedor usa o traje típico alemão e representa o município nos eventos locais e regionais que ocorrem durante o ano. Percebe-se, entre os concorrentes, um clima de satisfação no tocante à demonstração de suas raízes étnicas.

Outro atrativo da festa é o tradicional “jogo do barril”. Neste jogo de futebol o jogador que comete falta dá o direito à equipe contrária de beber *Chopp* em um barril que fica no centro do gramado. Os que servem o *Chopp* – Figura 3 – são descendentes, falantes alemães e pioneiros da cidade.



FIGURA 3 - Carrinho de Chopp em 2011  
FONTE: Prefeitura Municipal de Missal (2011)



O jogo de futebol serve como elemento integrador da população missalense haja vista que descendentes de outras etnias se vestem com roupas que lembram a Alemanha. O jogo serve, portanto, não somente como um atrativo a mais nas festividades, mas também, como um encontro e confraternização entre etnias. Às vezes um dos times é formado por autoridades: prefeitos, deputados, vereadores que jogam contra um time local.

Também merece destaque o concurso do Chopp em Metro, que consiste em que se beba o *Chopp* das tulipas e é considerado vencedor aquele que bebe o *chopp*, virando a tulipa até que o tenha bebido todo, sem “babar”. Os juízes desclassificam aquele que “babar e que tirar a tulipa para descansar ou respirar, conforme mostra a figura 4.



FIGURA 4 - Concurso do Chopp em metro em 2011  
 FONTE: Prefeitura Municipal de Missal

O concurso do serrote também faz parte da *Deutsches Fest* e é outro atrativo de grande participação. Ainda que a princípio a atividade seja vista como meramente recreativa, nela está implícita a valorização do trabalho. Os primeiros imigrantes, ao chegarem à nova pátria, tiveram que “abrir clareiras” para o cultivo de produtos agrícolas e o serrote era um dos instrumentos de trabalho utilizados. Segundo Seyferth

“[...] o mito da união espiritual e cultural de todos os alemães, e seu passado original, serve de base para a formulação do *Deutschtum* que também incorpora um outro mito, o da capacidade inata de trabalho que produziu uma sociedade civilizada em plena selva” (SEYFERTH, 1993, s.p.).

Chama a atenção, pela observação empírica e pelo relato dos moradores, que a cada ano, mais jovens participam do concurso do serrote, conforme Figura 5. Percebe-se que não somente os mais idosos mantêm viva a memória dos antepassados em relação à cultura do trabalho (SEYFERTH, 1993). A participação ativa dos mais jovens no concurso do serrote pode ser interpretada como respeito aos que tiveram que “abrir as clareiras” nos primeiros anos da colonização.



FIGURA 5 - Concurso do Serrote em 2011  
FONTE: Prefeitura Municipal de Missal (2011)

Outra atração da festa são os pratos típicos que relembram a gastronomia típica alemã. Dentre os muitos pratos servidos na *Deutsches Fest* está o *Eisbein* (joelho de porco cozido com especiarias), o chucrute (repolho fermentado naturalmente por aproximadamente 8 a 10 dias), o salsichão e a cuca Missal, um tipo de pão doce, assado e polvilhado com açúcar e uvas. A cuca Missal foi escolhida, em concurso, como uma iguaria que demonstra a tipicidade do Município.

Um dos informantes, em relação à gastronomia, afirmou



que uma tradição da cultura alemã e que identifica a etnia é o prato típico alemão servido na *Deutsches Fest*, o *Eisbein*. Segundo os informantes, a gastronomia de certa forma “provoca” as pessoas a procurarem saber mais a língua alemã para saberem o nome e o significado de certas palavras, assim, no entender deste informante, entendimento do qual muitos compartilham, a culinária serve também como um estímulo para aprender e se manter a língua e a cultura alemãs.

*Aispain*, [Eisbein] por exemplo, é uma palavra que se alguém não perguntá a alguém o que que isso significa né, porque é uma palavra totalmente alemã né, então, se um italiano qué sabê o que que é **Aispain** (...) então tem que alguém explicá, então isso faz com que algum desperta algum interesse. Então eu acho que todas essas festas elas fazem com que a língua alemã é preservada (...) talvez não no estilo que a gente gostaria que fosse mas ao menos ela se mantém (INFORMANTE M5 – 67 ANOS).

A informante F5 – 34 anos disse ainda que, não apenas a *Deutsches Fest*, mas também outros eventos de origem germânica ajudam para que se conserve a língua e a prática da cultura no município de Missal: “ (...) o desfile alegórico mesmo é uma né, uma busca das raízes, se você vai procurá, você vai entrevistá pessoas. É, eu acho que se não fosse essas festas acho que (...) porque, vai aprendê como né”. Pode-se perceber então, que as festas são importantes eventos, tanto na preservação da língua quanto na busca das raízes culturais, pensamento do qual partilham informantes e, também, outros moradores de Missal que disseram que a *Deutsches Fest* não é apenas uma festa onde se come, se bebe e se dança, que isso faz parte de qualquer festa, mas esta festa é também uma oportunidade de lembrar de sua origem, de suas raízes, de seus antepassados, e de manter vivas a língua e a cultura alemãs.

### **Café Colonial como fator de manutenção da cultura em Missal**

O Café Colonial tem origem nos antepassados, quando os viajantes, por falta de hotéis e restaurantes, eram acolhidos pelos pequenos proprietários rurais, sendo servido a estes produtos coloniais, ou seja, uma alimentação farta a base de pães, cucas, queijos, salames e geleias caseiras. Os autores

Rockenbach e Hübner Flores descrevem como era o Café Colonial de antigamente:

O “café colonial” tornou-se famoso pela abundância de pães, bolos, cucas, pão-de-ló, rocambole, variedade de geleias, *schmiers*, queijos, nata, *kässchmier*, *doss*, biscoitos, vinho, café, leite e sucos. Esse “café alemão” ficou enriquecido no Brasil, à medida que se venciam etapas socioeconômicas (ROCKENBACH e HÜBNER FLORES, 2004:58, destaques dos autores).

Müller (1981) também traz importantes contribuições a respeito da culinária alemã, principalmente a *Schmier*, (um tipo de geleia) que era, e ainda é, juntamente com a carne de porco, um dos ingredientes do Café Colonial e hoje consumida no dia a dia dos moradores de regiões de imigração alemã. Müller, um dos autores que se ocupa intensamente em descrever a vida rural de regiões de imigração alemã, assim descreve o ritual de fazer *Schmier* e *carnear porco*:

Entre as várias atividades na vida da colônia, havia algumas que eram festa para as crianças. Entre elas estavam – ainda estarão? O “Schmierkoche”, fazer *schmier*, e o “Schlachte”, matar porco. Esses dias alteravam o ritmo das coisas. Até se levantava mais cedo sob o pretexto de que “haid muss viel geschafft werre”, hoje há muito que fazer”. Até a escola ficava para outro dia... com a desculpa indiscutível “mia hon geste geschlacht”, nós carneamos ontem (MÜLLER, 1981:33, destaques do autor).

Considera-se relevante a apresentação de alguns dos depoimentos coletados de informantes e moradores, descendentes de imigrantes alemãs, que comprovam a culinária alemã como “elementos representativos da identidade étnica”. Em uma oportunidade que se teve de participar de um encontro de algumas senhoras, na casa de uma conhecida falante do alemão, estiveram presentes as informantes F3 e F4. No encontro e em meio a uma divertida e descontraída tarde de jogo de baralho, as conversas eram, em sua maioria, na língua alemã. Quando do momento do café<sup>5</sup>, que segundo elas, sempre ocorre às quatro horas da tarde, a Informante F4, com seu bom humor característico, disse que o café daquele dia não estava

---

<sup>5</sup> No café servido nas tardes de baralho, que fica a cargo da dona da casa onde é realizado o encontro, inclui-se também, além de café, chá e o chimarrão, diversos tipos de biscoitos, cucas, roscas, *Waffles*, pão de milho, nata, requeijão, melado, entre outros.

tão bom, pois a responsável não *tinha* as “*roscas de polvilho*” e *sim trouxe* “*algumas coisas*” da padaria.

As demais senhoras começaram a rir e foi questionado o motivo das risadas. Disseram que a dona da casa geralmente oferecia roscas de polvilho, feitas em casa, com nata e melado<sup>6</sup>. Foi perguntado se as roscas vendidas na padaria eram diferentes e disseram que sim. Uma das senhoras disse que:

*O Rosqui do alemon é feito em casa, e tem que sê feita como antigamente se facia, amassada e feito rolinho e colocado no **Packoove** [forno à lenha] em cima de folha de pananera (bananeira) e depois coprí tampém com folha de pananera por cima, pra non queimá, assim fica um costo pem costoso, esse é o rosqui que se facia antigamente* (Anotações da pesquisadora).

O relato das senhoras traz à baila o fato de que gastronomia pode ser considerada como um dos elementos que caracterizam étnica e identitariamente um povo e demonstra que a maneira de fazer a “*rosca de polvilho*” lembra os costumes e tradições dos antepassados. Nota-se, assim, o sentimento de pertencimento e valorização étnica, que se confirma nas palavras de Woodward (2008) que aquilo que se come pode indicar a origem de um povo.

Não somente as mulheres referem-se à culinária, mas também os homens fazem referência à gastronomia. O Informante M5 relata como a tradição de fazer o “*verdadeiro*” pão de milho passou por adaptações, o que sugere uma tradição inventada, porém, não menos valorativa culturalmente:

*Na verdade hoje é pão misto, que está sendo considerado **Milheprôot** [pão de milho] um dia vô pedí pra [...] fazê o **Milheprôot** [pão de milho] de verdade [...] o pessoal ainda considera, se ele é misto, ainda é considerado pão, pão de milho, mas na verdade o pão de milho é diferente* (INFORMANTE M5 – 67 ANOS).

O mesmo informante disse, porém, que o “*verdadeiro*” pão de milho, alimento tradicional no café da manhã na mesa de grande parte de descendentes de imigrantes alemães, é feito praticamente à base de farinha de milho, água e sal:

*O verdadeiro **Milheprôot** [pão de milho] eu tive oportunidade de comer ele muitas vezes, porque nós lá em casa a mãe fazia (...) daí ela*

<sup>6</sup> Um tipo de doce caseiro passado no pão, feito a base de cana de açúcar.

as vez dizia: *hait pagich mo phua Milheprôot* [hoje eu vou fazer o puro pão de milho] era só feito com farinha de milho (...) nada de trigo, isso dá racho, *platts pis uf uuve triva* [inclusive racha por cima] é bem...é bem (...) uma crosta assim de cascão (...) agora O SABOR, O GOSTO, é excelente, feito num, num (...) só que tem que sê feito num forno de lenha e não pode popá lenha, senão ela senta, ela tem que levanta e tem que permanecê assim, então, o *Milheprôot* [pão de milho] é é muito gostoso (INFORMANTE M5 – 67 ANOS).

O “pão misto” a que se refere o informante traz, dentre os ingredientes, a farinha de trigo. A tradição de fazer o verdadeiro pão de milho surgiu pelo fato de que a maioria dos alemães cultivavam pequenas áreas de terra, e a matéria prima do pão de milho – a farinha de milho – provinha de sua propriedade rural e era moída, geralmente, na própria propriedade ou em pequenos moinhos da comunidade.

O *Milheproôot* citado também foi abordado por uma senhora de mais idade. Segundo ela, o “verdadeiro” pão de milho era aquele feito em forno à lenha, e que deveria ficar com uma “crosta preta” que, ao se cortar, deixava as mãos pretas pelo contato com a parte superior do pão. A mesma senhora relatou que se devia *tii Khéschtcha esse* [comer a crosta do pão], pois assim, as crianças aprenderiam a assobiar. O mesmo foi confirmado por relatos de outras senhoras mais idosas. Perguntou-se se hoje os filhos, ou os netos comem a “crosta preta” do pão de milho, e disseram *que hoje nem fazem mais o pão de milho como antigamente*, hoje se compra pão de milho nas feiras e padarias.

Salienta-se que, não era o fato de se comer ou não a “crosta mais escura” do pão que determinava quem aprendia a “assobiar” ou ter as “bochechas mais rosadas” [*rôode Peckelcha*] indicador de boa saúde, mas sim que subjazem, nestes relatos, as dificuldades iniciais passadas pelos primeiros imigrantes e a preocupação em não desperdiçar os alimentos. Outro depoimento que merece atenção é o de uma senhora moradora e descendente de imigrantes alemãs. Pelo depoimento, percebe a importância que as comidas típicas têm para a memória e preservação da cultura dos antepassados:

*Quando o vôvo, o pai do [...] vinham ficar uns tias com a xente, ele sempre costava de comer os Krimelcha dos Kriipcha*, [farelo do torresmo] *porque eu tempero os Kriipcha* [torresmo] *com Vóschtkraitche* [manjerona, tipo de especiaria para temperar carnes,

especialmente carne suína] *ele pecava umas três colheres tos Krimelcha un hat so trive keschtraut por cima do Kheeschmia no Milhepróot* e *dicia: MAIN COT, SCHMEKT TAS MO KUUT* [ele pegava umas três colheres do farelo e esparramava por cima do requeijão, no pão de milho, e dizia: MEU DEUS DO CÉU, ISSO É MUUITO GOSTOSO]. A *vôvo cutucava ele e ticia: net sôo fil esse* [não come tanto] (O.K. – 68 ANOS, MORADORA DE MISSAL).

O relato da senhora mostra que preocupação relacionada aos alimentos se fundamenta historicamente nas dificuldades e na falta de alimentos nos primeiros anos da chegada dos alemães ao Brasil. A sogra desta senhora, (96 anos), referindo-se aos *Krimelcha dos Kriipcha* [farelo do torresmo] disse: *Tas is mo richtich taitsch Esse* [Isto é realmente típica comida alemã].

Ainda em relação à culinária, vale citar o trabalho de von Borstel, que, ao estudar a comunidade de Palotina, acerca dos costumes, afirma que aquele município tem “muito presente a cultura e costumes de seus antepassados, sendo a culinária um dos principais pontos de constatação da preservação dos costumes alimentares dos primeiros imigrantes” (VON BORSTEL, 2001b:100). A partir do que se pôde observar, não somente por parte dos informantes diretos, mas também de outros moradores de Missal, sobre a culinária e o modo de fazer os pães, as roscas, entre outros alimentos, as palavras de von Borstel servem também, para o contexto missalense, pois refletem o mesmo sentimento que os descendentes de imigrantes alemães têm com relação à preservação de sua cultura gastronômica.

Quando questionado sobre a regressão da língua e da cultura alemãs em Missal<sup>7</sup>, o informante M1 relatou que as comidas são importantes para que a manutenção da cultura alemã:

*Eu acho que sim, porque penso eu que nós (...) falá é a primeira coisa que nós (...) nossos costumes alemães e isso foi perdido ehh (...) a nossa comida alemã Kheeschmier Sirop, Seróona Khees, Waffles, Milheproot* [requeijão, melado, queijo serrano, waffles, pão de milho] *isso vai se mantendo, mas assim como vão passando as gerações vai disseminando* (INFORMANTE M1 – 60 ANOS).

<sup>7</sup> Fatores abordados na Dissertação de Mestrado, cujo título é: Fatores de manutenção e regressão da língua e cultura alemãs no município de Missal – Paraná. Cascavel – UNIOESTE 2011.

Percebe-se, pelo relato dos informantes e a partir da observação na comunidade, que os alemães mantêm uma estreita relação entre culinária e identidade étnica e a comida representa um vínculo para com sua descendência, representada *pelo e no* Café Colonial. A figura 6 é uma mostra do que é servido no Café Colonial realizado anualmente na cidade de Missal.



FIGURA 6 - 19º Café Colonial em 2011  
FONTE: Prefeitura Municipal de Missal (2011)

Em relação à origem do Café Colonial, destaca-se o que diz Lunkes (2011):

A tradição dos cafés coloniais se tornou conhecida devido à procura de viajantes e de turistas, que ao chegarem tarde da noite em regiões pouco movimentadas, onde não havia hotéis ou mesmo restaurantes, eram acolhidos pelos colonos. Os moradores destas localidades prontificavam-se a atender os viajantes, com alojamento e refeições, colocando à mesa o que havia de melhor dentro dos costumes germânicos. O café colonial também tem sua origem na mesa de muitos agricultores que povoaram as mais diversas regiões agrícolas do mundo. O café matinal representava a mesa farta do colono, que antes de ir, muito cedo do dia, para seus afazeres em suas pequenas propriedades rurais, tomava um reforçado café da manhã. Como ficava o dia todo envolvido no pesado trabalho da roça, o 'café do colono' precisava ser reforçado. Era esse lanche matinal que iria proporcionar energia suficiente para o desempenho das árduas funções do dia (LUNKES, 2011:2).



O Café Colonial, conforme já descrito por Lunkes, não ocorre apenas como um atrativo para o município. Encontra-se também, na mesa das famílias, geralmente em encontros ou em pequenas reuniões sociais. De acordo com alguns informantes, é costume servir um café colonial, à base de produtos naturais, quando as famílias recebem visitas ou quando alguém “de fora” vem conhecer a cidade ou visitar os parentes. Este costume de receber as famílias ou visitas com café da colônia, ou com alguns produtos da colônia, é visto com normalidade entre os moradores de Missal.

Além do observado empiricamente, o relato da informante confirma o costume da visitação entre as pessoas, principalmente de origem alemã, e nesta visitação é servido um lanche composto basicamente dos produtos<sup>8</sup> que compõem o Café Colonial, razão pela qual este pode ser considerado como um dos fatores de manutenção da língua e da cultura alemã. Assim, a satisfação não está apenas em visitar um ao outro e sim também na satisfação e no prazer de oferecer e saborear os produtos do Café Colonial.

Comparando a variedade dos ingredientes que compunha o Café Colonial de antigamente com os de hoje, aqui especialmente o de Missal, pode-se reconhecer que a fatura, o sabor, a beleza e a atração da mesa de um Café de hoje nada deixa a desejar aos Cafés de antigamente.

Diante do exposto, pode-se fazer o seguinte questionamento: O Café Colonial de Missal, nos dias atuais, é igual ao Café Colonial servido pelo antepassados? Mantém suas características “originais”? De certa forma, a tradição do Café Colonial pode ser considerada como “inventada”, uma vez que não se apresenta tal e qual como eram as tradições dos tempos da antiga pátria, e sim como uma tentativa de referência a uma situação vivida no passado. Nesse sentido, concorda-se com as palavras de Hobsbwan:

[...] na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições ‘inventadas’ caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição

<sup>8</sup> Pães, cucas, bolos, tortas, rosas, *Waffles*, queijo, nata, manteiga, melado, torresmo, *Schmier*, (geleias), mel, *Kheeschmier*, salame, morcilha, café, leite, etc.

quase que obrigatória [...] Por 'tradição inventada' entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado (HOBBSAWN, 1984:10, destaques do autor).

As tradições inventadas, segundo Hobsbawn, se referem, então, a uma série de relatos, histórias ou acontecimentos transmitida de geração em geração. A partir das tradições inventadas é possível estabelecer-se um paralelo entre as gerações passadas e as futuras já que se tem como objetivo (re)lembrar as tradições e costumes dos antepassados, como uma referência étnica, identitária e cultural.

Concorda-se também com Certeau (1995) quando afirma que a transformação natural das sociedades afeta as culturas e têm-se, na volta às tradições, uma tentativa de "resgatar" ou revitalizar a cultura como era no passado. O autor, porém alerta sobre o perigo de que esta cultura pode se "folclorizar", ou seja, volta como outro "alterado" e não mais como original pois:

[...] se nos prendermos a esse elemento cultural, mais dia, menos dia, seremos fatalmente recuperados, justamente porque a manifestação cultural é apenas uma superfície de uma unidade social que ainda não encontrou sua própria consistência político-cultural (CERTEAU, 1995:146).

Assim, entende-se por tradição a prática ou a tentativa de reviver os costumes e tradições dos antepassados. Uma tentativa válida, uma vez que o objetivo é dar um sentido e perpetuar as tradições e os costumes herdados e neste sentido, os descendentes dos imigrantes alemães que vivem em Missal, têm e veem, tanto na língua, quanto na cultura, manifestada pela gastronomia, uma referência étnica e identitária. É com razão que Calvet (2002:12) afirma que "[...] a história de uma língua é a história de seus falantes". Transportando a afirmação para o campo da gastronomia pode-se dizer que a culinária, os tipos de comida que um povo consome são, geralmente, consequência de sua própria história e que são, como aqui em Missal, um dos fatores importantes na manutenção de toda cultura, incluindo a língua alemã.

## Considerações finais

Pode-se afirmar que os moradores de Missal, ao longo do tempo e convivendo com outras culturas e etnias, mantêm vivas muitas de suas características de origem. Embora convivam com costumes e tradições de outros grupos étnicos, os descendentes de imigrantes alemães preservam seus costumes e tradições no contexto da diversidade linguística e cultural da região oeste do Paraná.

Difícilmente consegue-se reproduzir aquela velha e saborosa comida que faziam os antepassados. Com sorte pode-se obter algum êxito mais ou menos parecido já que os ingredientes também têm acompanhado a transformação e mudanças ocorridas ao longo dos tempos. Se a cozinha é a linguagem por meio da qual falamos sobre nós próprios, as “tradições inventadas” são tentativas de reproduzir os costumes e modos de vida dos antepassados.

Ao finalizar este trabalho, deve-se reconhecer que a imigração alemã no Brasil trouxe fortes contribuições para o desenvolvimento econômico, político e social e nesse sentido, a valorização dos costumes, da língua e da cultura de um povo, quer alemão, quer brasileiro ou de qualquer outra etnia presentes no cenário mundial deve ser a de respeito para com a diversidade linguística, cultural e étnica, e assim, deve-se entender a identidade destas pessoas como um contínuo desconstruir e reconstruir em um presente que ainda está fortemente marcado pelos traços linguísticos e socioculturais do passado.

Como conclusão, reiteramos nosso ponto de vista da valorização das manifestações culturais como parte da própria identidade do sujeito. E no caso da gastronomia apresentamos nossa receita: que se abra o apetite da humanidade para que em toda e qualquer forma de manifestação seja adicionada uma pitada extra de tempero cultural e doses de respeito para com o outro, no sentido de valorizar a gastronomia como manifestação da identidade étnica e cultural.

## REFERÊNCIAS

CALVET, Jean-Louis. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

- CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 1995.
- CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. 4. ed. Campinas: Papyrus, 2005.
- DAMKE, Ciro. Variação lingüística e a construção do sujeito. In: **JELL Jornada de Estudos Lingüísticos e Literários**. Marechal Cândido Rondon-PR. 1998.
- DAMKE, Ciro. **Políticas linguísticas e a conservação da língua alemã no Brasil**. In: *Espéculo - Revista de estudios literarios*. Universidad Complutense de Madrid, 2008. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero40/polingbr.html>>. Acesso em: 22 Jun 2011.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HOBBSAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBBSAWM E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.
- LUNKES, Gisela. A origem do Café Colonial. **Jornal Oeste Notícias**. Missal, p. 2. 22 de Junho de 2011. 14 Edição.
- LUNKES, Gisela. **Missal: tem muito futuro neste passado**. Marechal Cândido Rondon: Germânica, 2005.
- KREUTZ, Lúcio. **Identidade étnica e processo escolar**. In: *Caderno de Pesquisa*, nº 107, p. 9-96, julho/1999. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a03.pdf>. Acesso em: 06 Jun 2011
- MARSIGLIA, Regina Maria. O Projeto de pesquisa em Serviço Social. In: **Capacitação em Serviço Social e Política Social**. Módulo 5. Brasília: UNB, Centro de Educação Aberta, Continuada a Distância, 2002.
- MELIÁ, Bartolomeu. Identidad en movimiento sustituciones y transformaciones. In: **Simpósio Nacional de Ciências Humanas** (1.: 2006; Marechal Cândido Rondon – PR) Cascavel: Scussiatto, nº 1, p. 6 a 8, 2006.

MISSAL. PREFEITURA MUNICIPAL DE MISSAL. Disponível em [www.missal.gov.br](http://www.missal.gov.br). Acesso em: 24 Jun 2011.

SEYFERTH, Giralda. **Identidade Étnica, Assimilação e Cidadania. A Imigração Alemã e o Estado Brasileiro.** XVII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, MG, 22-25 de outubro de 1993. Disponível em [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_26/rbcs26\\_08.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm). Acesso em: 25 Jun 2011.

SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Claudia. **Os alemães no sul do Brasil.** (Orgs.). Claudia Mauch e Naira Vasconcelos. Canoas: ULBRA, 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2008.

VON BORSTEL, Clarice Nadir. Estudo sócio-histórico e cultural da comunidade de fala italiana de Palotina. In: *Jornada de Estudos Linguísticos e Literários.* Marechal Cândido Rondon – PR. Anais. Cascavel: Edunioste, 2001b.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

**Enviado em: 31/01/2012 - Aceito em: 02/03/2012**